RELATÓRIO TÉCNICO

50ª RODADA DO PENSAR A BAHIA – ETIC

Tema: Ensinar ou ser Substituído? Possibilidade e Perigos da IA na Educação.

Convidado: Dr. Paulo Canas Rodrigues

Data de realização: 29/04/25

Síntese curricular do convidado

Paulo Canas Rodrigues é Professor de Estatística e Ciência de Dados na Universidade Federal da Bahia e Coordenador Statistical Learning Laboratory (SaLLy), completou o seu doutorado em Estatística pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal (2012), e Agregação (Habilitação) em Matemática, especialização em Estatística e Processos Estocásticos, pela Universidade de Lisboa, Portugal (2019).

Contextualização do tema

O professor Paulo Canas começa sua fala com a seguinte reflexão: “Estamos a ser substituído nas profissões, nos estudos ou na forma de ensinar pela inteligência artificial(IA)”?

Segundo o convidado, a inteligência artificial (IA) não veio ocupar os lugares, mas para nos questionar se vamos continuar no mesmo lugar. Esse desafio vai além da tecnologia, tocando em questões sociais, éticas e até existenciais.

A discussão sobre a possibilidade de a inteligência artificial substituir o professor tem ganhado relevância no cenário educacional contemporâneo, o avanço das tecnologias digitais, especialmente os sistemas de IA, trouxe novos recursos capazes de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, como a personalização de conteúdos, a automatização de correções e o fornecimento de materiais de apoio.

No entanto, ainda que tais ferramentas representem inovações significativas, é importante reconhecer que o papel do professor transcende a simples transmissão de conhecimento. O docente exerce função essencial na formação crítica dos alunos, na mediação das relações sociais e no desenvolvimento de valores éticos e humanos. Esses sistemas

inteligentes, por mais avançado que seja, não possui a capacidade de estabelecer vínculos afetivos, compreender contextos pessoais ou estimular a empatia e a criatividade de forma plena.

Compreensão do Problema

Na visão do convidado, a inteligência artificial impulsionou uma necessidade urgente de repensar e se nos reinventam, para acompanhar essas mudanças rápidas e abruptas, que exigem novas habilidades, que de fato, não constitui uma opção, mas uma realidade consolidada, em que o principal desafio reside em percorrer esse novo cenário, redefinindo nossos papéis com criatividade, responsabilidade e um sólido alicerce ético.

De acordo com o palestrante, um dos riscos e desafios associados ao uso da inteligência artificial é a dependência, que pode levar os indivíduos a deixar de pensar de forma independente, comprometendo sua autonomia e a capacidade de refletir. Isso resultaria em um declínio gradual das habilidades de escrita, interpretação e pensamento crítico.

Outro aspecto que merece atenção é que essa ferramenta pode fornecer respostas sem certeza, além de levantar questões éticas relacionadas à autoria dos conteúdos produzidos. Os sistemas inteligentes é uma ferramenta poderosa, mas é a inteligência humana, com o uso ético, criativo e inovador que decide como deve será usada, sendo, assim, o papel do professor, obviamente que a sua presença é insubstituível, visto que, empatia, escuta ativa, julgamento próprio e construção de vínculos reais são habilidades inerentes do ser humano, e não dos algoritmos.

Então, a inteligência artificial treinada pode ensinar conteúdos, mas apenas o ser humano pode ensinar valores, e deve ser compreendida como instrumento de apoio pedagógico, e não como substituta da figura docente, nesse sentido, a educação de qualidade depende de maneira indissociável, da presença humana do professor, cuja atuação é indispensável para a construção de cidadãos conscientes, críticos e participativos.

Ações e proposições

Da exposição do palestrante, foram elencadas algumas ações e proposições:

- Preparar-se para o Presente não só para o futuro, porque o futuro já está ocorrendo neste momento, adaptar-se à realidade da IA, desenvolver habilidades, repensar papéis e estar aberto ao aprendizado continuo;
- Mudar a mentalidade de que os sistemas inteligentes vai substituir o professor, construindo uma narrativa de que a IA surgiu para apoiar o trabalho dos docentes, aliada no aprendizado, no estimulo do pensamento crítico, fazendo a ressalva que deve essa ferramenta deve ser usada com sabedoria e moderação;
- Aprender a pensar de como tirar vantagens dessa ferramenta (IA), evitar que esses modelos ou algoritmos pensem pelo ser humano, com impacto a perda progressiva de habilidades da escrita, interpretação e pensamento crítico.
- Verificar as origens das informações, em virtude que a IA cria dados, autores ou estatísticas inexistentes, as chamadas "Alucinação da IA", além da necessidade de comparar com outras fontes;
- Capacitar professores para uso pedagógico e crítico da inteligência artificial, além de criar espaços permanentes de discussão ética e inovação tecnológica, além de estimular a reflexão.
- Educar para interpretação e não apenas o uso da IA, autonomia e responsabilidade ética na delegação do fazer para os algoritmos.

Diante do exposto, conclui-se que a inteligência artificial se configura como uma ferramenta transformadora no campo educacional, com potencial para potencializar práticas pedagógicas e ampliar o acesso ao conhecimento, sem, contudo, substituir a centralidade do professor no processo de ensino-aprendizagem. Ao contrário, evidencia a necessidade de valorização do papel docente, que passa a ser desafiado a incorporar essas tecnologias de forma crítica, ética e criativa. Nesse contexto, o uso consciente da inteligência artificial, aliado à preservação das dimensões humanas da educação, como empatia, escuta ativa e formação crítica, mostra-se fundamental para assegurar uma educação de qualidade, alinhada às demandas contemporâneas e comprometida com a formação de cidadãos conscientes e participativos.